



## GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA: OUTRAS PRÁTICAS CORPORAIS NA ESCOLA

Leiriane Viveiros Gregório<sup>1</sup>  
Ingrid Dittrich Wiggers<sup>2</sup>  
Rejane Duarte Leite Monteiro<sup>3</sup>

*PALAVRAS-CHAVE: gênero; práticas corporais; escola; educação física.*

### GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Este trabalho objetiva analisar realização de atividades pedagógicas relacionadas a práticas corporais de cunho alternativo ao cotidiano escolar com alunos do ensino fundamental, entre 13 e 15 anos, visando à integração entre meninos e meninas em aulas de Educação Física. As relações de gênero que permeiam o ambiente das práticas corporais na Educação Física escolar têm sido tema corrente no debate acadêmico (GOELLNER, 2007). A prática dessa disciplina na escola, baseada, sobretudo na vivência de esportes, possui forte caráter funcionalista, no que se refere à conformação dos papéis de gênero e à manutenção de estereótipos. Assim, nesse espaço escolar, destinado a vivência da cultura corporal, o elemento feminino estaria à margem e não raro é tratado como estranho.

A Educação Física desenvolve culturas diferenciadas para cada sexo através da vivência de práticas corporais impregnadas de representações sociais e normas de conduta. A legitimação do feminino nas atividades esportivas e de lazer perpassa pelo entendimento de suas representações e pela análise dos papéis sociais e dos processos culturais que formam feminilidades e masculinidades (SARAIVA, 2005). Os conflitos presentes nas aulas, entre eles os de gênero, revelam a necessidade de contestar e rever a prática pedagógica da disciplina que, de forma geral, tende a reproduzir condições e valores vinculados mais amplamente na sociedade. Observa-se um esgotamento do modelo pedagógico atual e a necessidade de se discutir novas formas de ensinar, que considerem diferenças e desigualdades sociais.

A categoria gênero denomina uma construção social que reúne uma série de atribuições, simbolismos, valores e expectativas, que integram e constituem a identidade do sujeito (GOELLNER, 2007). Segundo Scott (1995), é um elemento produzido a partir das relações sociais e fundamentado sobre as diferenças biológicas percebidas entre os sexos. A partir deste entendimento, percebe-se que não são as características sexuais em si, mas a forma como estas são representadas ou valorizadas que devem ser questionadas. Por meio do sistema de transmissão de conhecimentos inerente às sociedades, as representações de feminino e masculino, seus papéis e função social se perpetuam e são determinadamente influenciados pelo período histórico e pela sociedade (LOURO, 1997).

Dentre as características atribuídas à mulher destaca-se a fragilidade de seu corpo frente à força e virilidade do corpo masculino, a delicadeza gestual, os movimentos contidos e as expressões recatadas (GOELLNER, 2007). O corpo feminino é tradicionalmente vigiado, educado e reprimido. O corpo masculino, contudo, experimenta liberdade e vivências sem limites. Nesse ínterim, a mulher, pode se mostrar incapaz para determinadas experiências públicas e sociais, como aquelas que exigem competência, força, habilidade e destreza.

No âmbito do esporte, o corpo feminino se mostra insuficiente na história das representações de gênero. As características físicas, supostamente naturais, que detém não

contemplariam atividades que exigem habilidades elaboradas, tampouco criação de estratégias, pois sua natureza essencialmente emocional, não permitiria o desempenho de tarefas de forte caráter racional. O esporte enquanto um fenômeno social de alta visibilidade, revela-se eficaz no sentido de criar e reatualizar este quadro no imaginário social. A Educação Física, como um espaço para vivência, quase exclusiva, desse fenômeno se mostrou ao longo da história, propícia ao reforço e naturalização de estereótipos, pois possibilitaria aos meninos exercerem e afirmarem sua virilidade e suposta superioridade física, enquanto corrobora a inferioridade das meninas.

Este trabalho se caracteriza como um estudo de campo, de cunho qualitativo e de nível descritivo (BOGDAN; BIKLEN, 1994). O grupo analisado foi constituído de trinta e dois alunos, de ambos os sexos, do oitavo ano do ensino fundamental, de uma escola pública, do Distrito Federal, Brasil. Os recursos utilizados para produção dos dados foram observação, questionário e intervenção pedagógica, mediada por problematização, práticas esportivas, rítmicas e não competitivas. A escola participante atende um corpo discente de 2200 alunos, distribuídos entre os ensinos fundamental e médio. Os estudantes são provenientes da própria comunidade ou de bairros próximos, que se caracterizam por população de baixa renda.

## OUTRAS PRÁTICAS CORPORAIS NA ESCOLA

Inicialmente, foi aplicado um questionário composto de duas questões abertas, visando caracterizar o grupo acerca do uso do tempo livre, vivência de práticas corporais fora do ambiente escolar e motivos que levariam os estudantes a gostar da Educação Física. Constatamos que apenas uma pequena parte dos participantes dedica parte do seu tempo livre à vivência de práticas corporais. A grande maioria deles prefere passar seu tempo livre em frente à televisão ou computador. Por outro lado, cerca de 80% afirmou gostar das aulas de Educação Física na escola, apontando como principais motivos a prática de esporte, o cunho livre e a diversão.

A problematização foi a primeira atividade desenvolvida no âmbito da intervenção pedagógica alternativa. Realizou-se um debate em grupo. O tema proposto foi o uso dos espaços designados a práticas corporais na escola e a convivência de ambos os gêneros nas atividades desenvolvidas nas aulas da disciplina. O confronto corporal direto entre sujeitos de gêneros diferentes e a falta de habilidades motoras necessárias para o bom desenvolvimento das atividades foram os principais fatores apontados por meninas e meninos respectivamente para justificar os conflitos nas práticas esportivas conjuntas.

Na segunda atividade do trabalho de intervenção pedagógica, cuja proposta consistiu em diálogo em trios constituídos de alunos de ambos os gêneros, as barreiras ficaram evidentes. Apesar de pertencerem à mesma turma e compartilharem cotidianamente o mesmo espaço físico, os alunos demonstraram dificuldade e alguma resistência em estabelecer conversa informal com os colegas de classe, revelando um distanciamento entre meninos e meninas.

Observou-se, na sequência, a partir da vivência do estilo musical “farró”, que os alunos em geral ignoram o contexto social de danças brasileiras, além de apresentarem habilidades rítmicas pouco desenvolvidas. Os mesmos apontaram para a ausência de atividades desta natureza no programa de ensino da Educação Física. A realização desta prática causou impacto positivo, pois a maioria expressou opiniões favoráveis a respeito, seja pela possibilidade de aprender uma técnica de dançar ou pela inovação.

Outra atividade vivenciada pela turma foi a brincadeira “Coelhinho sai da Toca”. Nessa os participantes se organizaram em trios formando “tocas” e representando “coelho”. Ao sinal do professor devem se reagrupar utilizando o corpo de diferentes formas. Como a brincadeira não constitui o contexto habitual dos alunos, a proposta causou estranhamento e insatisfação inicial e muitos discentes a classificaram como “infantil”. Contudo, a atividade

mostrou-se eficaz no sentido de integrar os alunos e fazê-los experimentar uma prática sem funcionalidades ou habilidades hierarquizadas.

Por último, propôs-se uma prática esportiva de handebol, que mobilizou meninos e meninas. Ficou evidente o interesse dos alunos pelo esporte como conteúdo da Educação Física e mesmo que não o tenham vivenciado na forma de rendimento máximo e com perfeição do gesto motor, se sentem satisfeitos de experimentá-lo (BETTI, 1988). Observou-se ainda a tendência do grupo em reproduzir o esporte “espetáculo”. Cabe ressaltar que grandes temas da cultura corporal e de forte impacto social, quando utilizados pela escola sem intencionalidade pedagógica e não orientados por uma metodologia crítica, podem vir a reproduzir concepções de adestramento do corpo além de corroborar para uma educação pautada em valores exclusivistas e divergentes dos preconizados pela instituição escolar (COLETIVO DE AUTORES, 2009).

Ao término do período de vivência das práticas corporais foi aplicado um questionário avaliativo composto de uma única questão aberta, com o intuito de apreender as percepções dos alunos acerca da intervenção alternativa ao longo das aulas. Grande parte do grupo apreciou a realização das práticas alternativas nas aulas de Educação Física. De acordo com o apontado pelos alunos, a diversidade das práticas foi o que mais agradou o grupo.

*“- Foi a melhor aula de Educação Física, as aulas foram novidades que eu nunca tive”.*

*“- Eu gostei muito das aulas porque a professoras passaram coisas diferentes. Cada aula foi mais legal”.*

Por um lado, os alunos evidenciaram uma visão histórico hegemônica acerca de gênero. Por outro, contudo, se mostraram favoráveis à problematização do tema e receptíveis a uma ação pedagógica integradora e constituída de práticas diversificadas da cultura corporal.

## REFERÊNCIAS

- BETTI, M. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papyrus, 1988.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 1994.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 2009.
- GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, v. 13, n. 2, p. 171-196, maio/ago. 2007.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SARAIVA, M. C. *Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: Unijuí, 2005. (Educação Física).
- SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade. Porto Alegre, n.20, v.2, p.71-99, jul./dez. 1995.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (UnB). Bolsista da CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa Imagem. E-mail: leirianegregorio@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (UnB). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Imagem, sediado na UnB. E-mail: ingridwiggers@gmail.com

<sup>3</sup> Graduada em Educação Física pela UnB. Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: ladyrejaneduarte@gmail.com